



A construção do poético em *Quando as montanhas conversam*

Flávia Brocchetto Ramos^{1*} e Sandra Regina Tornquist²

¹Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, R. Francisco Getúlio Vargas, 1130, 95070-040, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. ²Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. * Autor para correspondência. E-mail: ramos.fb@gmail.com

RESUMO. O presente artigo analisa a obra poética *Quando as montanhas conversam*, de Gloria Kirinus, a partir do aspecto lúdico, que propicia a conquista do leitor infantil, convidando-o a ingressar em uma realidade à parte e a aceitar as especificidades do espaço criado. Ao deixar-se envolver por textos poéticos de qualidade, como o analisado neste estudo, o infante desenvolve suas potencialidades e adquire novos conhecimentos de maneira divertida, o que transforma a poesia em um valioso recurso que merece ser melhor explorado, tanto em sala de aula quanto nos lares das crianças brasileiras.

Palavras-chave: poesia, leitor infantil, ludismo.

The construction of the poetic in *Quando as montanhas conversam*

ABSTRACT. The article analyzes the book *Quando as montanhas conversam* [When the mountains speak], written by Gloria Kirinus, based on the ludic aspect, which promotes the conquest of start readers, inviting them to enter another reality and to accept the specificities of the space created. When infants let themselves to get involved by quality poetical texts, as the analyzed in this study, they develop their potentialities and acquire new knowledge in an amused way, what transforms poetry in a valuable resource that should be better explored, as well in the classroom as in Brazilian children homes.

Keywords: poetry, start reader, ludism.

Introdução

Onde tudo é possível? Onde a linguagem pode tocar o estado original do ser? Gloria Kirinus, poeta peruana, recria um modo de perceber a relação dos seres humanos com os cerros da Cordilheira do Andes. No texto poético que compõe a obra *Quando as montanhas conversam*, a linguagem mergulha nas suas fontes originais e brinda o leitor com reflexões sobre a existência, a criação poética e o processo de leitura. Essa recriação do universo infantil por meio da memória é tingida com imagens poéticas que tocam o imaginário, seja da criança seja do adulto que ainda conserva a abertura ao inusitado, àquilo que ultrapassa a realidade e a concretude. Nesse sentido, o livro apela para que o leitor mergulhe no universo que cria, pois, como declara Paz: “o poema não é senão isto: possibilidade, algo que só se anima ao contacto de um leitor ou de um ouvinte. Há uma característica comum a todos os poemas, sem a qual nunca seriam poesia: a participação” (PAZ, 1982, p. 30).

Este artigo tem como objetivo estudar o livro *Quando as montanhas conversam*, a partir do aspecto lúdico, inerente ao poético. A presença do ludismo favorece a conquista do leitor mirim e, ao mesmo tempo em que diverte, constitui-se em fonte de

aprendizado, de desenvolvimento das potencialidades do leitor, em especial da criança.

Antes, porém, de fazer o estudo da obra, será apresentado um breve cenário da produção poética destinada ao público infantil brasileiro, a fim de demonstrar a crescente oferta de livros de qualidade para esse público. Igualmente, será apontada, com base em estudiosos da área, a questão do lúdico na poesia e os benefícios do contato com esse tipo de texto na infância.

Literatura e infância - uma relação que vem se estreitando

Embora no Brasil as obras poéticas dedicadas ao público infantil venham sendo produzidas há mais de um século, foi somente nas últimas décadas que o gênero floresceu com mais vigor, quando os poetas assumiram a voz da infância no seu discurso. A primeira obra poética publicada para crianças no Brasil foi *Flores do campo*: poesias infantis, de José Fialho Dutra, em 1882 (DUTRA, 1982). No livro, não há preocupação formal ou temática com o leitor mirim, predominando um tom doutrinário que incentiva, por exemplo, o amor ao diretor do colégio. Seguiu-se à obra de Fialho Dutra o *Livro das crianças*, de Zalina Rolin, constituído por trinta poemas elaborados a partir de ilustrações (CAMARGO, 2009).

Olavo Bilac, no início do século XX, é o escritor mais difundido entre o público mirim, sendo que *Poesias infantis* (primeira edição em 1904), até 1961, teve 27 edições (CAMARGO, 2009). Bilac explora recursos poéticos, em especial a musicalidade; no entanto, conserva nos poemas a vinculação com a escola, seja através da temática que retoma datas cívicas, seja por meio da exaltação de comportamentos adequados à criança cortês e educada.

No ano de 1943, surge *O menino poeta* (LISBOA, 1991), de Henriqueta Lisboa, obra que se vale de recursos poéticos e que já insere nuances da voz infantil. O texto começa o processo de ruptura com a cultura escolar e propõe uma poesia infantil livre do tom doutrinário. No entanto, é com os modernistas Cecília Meireles e Vinicius de Moraes que se instaura o ludismo na poesia para a criança. Em 1964, é publicado *Ou isto ou aquilo* (MEIRELES, 1990), de Cecília Meireles, obra que atua como um divisor de águas na história da poesia infantil brasileira. Já Vinicius de Moraes, em 1970, reúne poemas que havia escrito para os infantes e publica *A arca de Noé*, provavelmente o mais conhecido livro de poesia infantil no Brasil na segunda metade do século XX (CAMARGO, 2009). Na obra, predomina a musicalidade que se vale da redondilha e da rima, e os poemas assumem a voz infantil.

Na verdade, é por volta dos anos de 1980 que se inicia a profissionalização de poetas visando ao público mirim, como é o caso de escritores como Sérgio Capparelli, José Paulo Paes e Roseana Murray. Tal situação possibilitou, também, a diversificação de temas, anteriormente voltados a objetivos didáticos. A publicação de obras mais ousadas resultou no enriquecimento do gênero, que, infelizmente, muitas vezes ainda carece de uma maior e melhor exploração, tanto em sala de aula quanto nos lares das crianças brasileiras.

De forma geral, nota-se que, assim como a poesia para adultos tem espaço restrito, a destinada ao público infantil também é pouco explorada, o que se deve, em parte, ao despreparo de professores e demais mediadores para apresentar e explorar o gênero com os estudantes mirins. Desse modo, o desconhecimento dos adultos transforma-se em empecilho para a difusão do gosto pelo texto poético junto aos leitores infantis.

O que se percebe, nesse sentido, é que a melhoria na qualidade e o aumento na quantidade de obras destinadas ao público infantil não são acompanhados pelo mesmo crescimento e preparo desse público para apreciar tais obras. Pesquisas na área têm estudado as peculiaridades do gênero e tentado instrumentalizar docentes para mediar o texto poético. Marly Amarilha, por exemplo, discute como a poesia pode contribuir para a formação de

estudantes do Ensino Fundamental, além de propiciar-lhes prazer e diversão no contato com a linguagem verbal, que na poesia apresenta-se em estado inaugural.

Amarilha (1997) revela, através de suas pesquisas, o interesse das crianças pela poesia, confirmando que se trata de um texto significativo para esse público, em virtude do vínculo do gênero com o jogo, ligação esta que já foi apontada por Johan Huizinga, em 1938, quando publicou *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. Essa obra tem, inclusive, um capítulo dedicado à relação entre o jogo e a poesia.

De acordo com Amarilha, “[...] o jogo de linguagem se estabelece ao propor um desafio para o leitor descobrir o significado do poema que, propositadamente, vem em linguagem obscura, cifrada, enigmática” (AMARRILHA, 1997, p. 28).

O prazer de se sentir desafiada leva a criança a mergulhar no universo criado pelo poema, diferente daquele da narrativa, que, em geral, apresenta uma situação mais ampla, com um desenvolvimento progressivo dos fatos, enquanto o texto poético centra-se numa situação mais específica, encantando pelo impacto. Ou seja, enquanto a narrativa desenvolve-se no tempo e no espaço, a poesia busca um aspecto inaugural de um ser ou situação e tende a explorá-lo em profundidade.

Obras como *Quando as montanhas conversam*, de Glória Kirinus, constituem-se em ricas possibilidades para o desenvolvimento do gosto pela leitura do texto poético, tanto pela criança, seu principal público-alvo, quanto pelo adulto, que também tende a envolver-se pela riqueza de imagens apresentadas. Por isso, o texto é indicado para quem está buscando desenvolver a paixão por esse gênero tão significativo.

Segundo Johan Huizinga, a poesia “[...] está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem a criança, o animal, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso” (HUIZINGA, 2004, p. 133).

Assim, a sedução propiciada pela poesia teria, em parte, origem no aspecto lúdico, já que este é inerente a ela. Huizinga também defende que “[...] a função do poeta continua situada na esfera lúdica em que nasceu. E, na realidade, a *poiesis* é uma função lúdica” (HUIZINGA, 2004, p. 133).

É preciso considerar que em diferentes sociedades, desde a Antiguidade,

[...] a poesia desempenha uma função vital que é social e litúrgica ao mesmo tempo. Toda a poesia da antiguidade é simultaneamente ritual, divertimento, arte, invenção de enigmas, doutrina, persuasão,

feitiçaria, adivinhação, profecia e competição (HUIZINGA, 2004, p. 134).

Com o decorrer do tempo, alguns desses elementos foram sendo deixados de lado, enquanto outros, como o valor estético, receberam maior destaque. No entanto, o caráter lúdico continua mostrando-se essencial, pois instiga, envolve e conquista os mais distintos leitores, de modo especial as crianças, que se sentem desafiadas e mergulham de forma mais intensa no jogo proposto pelo texto.

Por ter o lúdico em sua origem, o texto poético mostra-se enriquecido quando explora adequadamente esse elemento. Assim, unir leitura e brincadeira pode proporcionar ao leitor infantil uma experiência de grande valor e significação, pois, conforme defende Huizinga (2004), o lúdico é um dos elementos que move a vida social. Nesse sentido, pode-se afirmar que também deve “[...] mover a vida escolar. É preciso, portanto, descobrir o lúdico que está oculto na poesia” (AMARILHA, 1997, p. 36). Ao descobrir esse aspecto oculto do texto poético, criança e adulto participam mais ativamente da obra, sentindo prazer na leitura e, mesmo que inconscientemente, construindo novos conhecimentos, relacionando-se de forma agradável com a linguagem.

Huizinga, em sua obra sobre a importância do jogo na cultura, destaca ainda que o aspecto lúdico da poesia também é explorado (ou ao menos o foi primitivamente) com a finalidade de aprimorar e memorizar conhecimentos. Amarilha também aponta a relação da poesia com o conhecimento ao considerar a leitura lúdica como sendo “[...] uma modalidade de jogo que se desencadeia a partir das convenções do texto e oferece no processo prazer e conhecimento” (AMARILHA, 1997, p. 83). Para usufruir do lúdico no texto poético, o leitor precisa aceitar o pacto de leitura proposto pelo texto, ou seja, deve concordar com as especificidades do poema, sem pôr em questão a relação com a realidade. Quando se trata da poesia destinada ao público infantil, esse afastamento da concretude tende a se acentuar, aproximando-se, algumas vezes, do

[...] *non sense*, abrindo novos espaços à imaginação. Eis outra faceta da poesia destinada às crianças: o autor pode estender ao máximo a criatividade, propondo situações fantásticas ou inverossímeis, aceitáveis, porém, graças ao intuito de divertir o leitor (ZILBERMAN, 2005, p. 140).

Na obra de Kirinus, foco deste estudo, tal aspecto fica evidenciado desde o título, que atribui capacidades humanas às montanhas, dimensão essa

que vai sendo ampliada ao longo do texto. Ao aceitar o jogo proposto pelo eu-poético, o leitor pode se deslocar de sua realidade concreta, imediata e experimentar novas situações, até mesmo inverossímeis, mas que lhe permitem ampliar sua visão de mundo e, em certa medida, realizar um processo catártico. Pelo universo simbólico da poesia, o leitor pode experimentar a vivência de determinadas situações que na vida real não lhe seriam permitidas. Retomando Amarilha, vale destacar que:

[...] a criança, ao se relacionar com o texto ficcional, relaciona-se implicitamente com o passado coletivo que constitui os valores, as idéias, as formas expressas no texto; organiza seu presente através das informações, experiências, identificações que o texto propõe, e projeta seu futuro transformando as matérias da vivência coletiva e individual através da fantasia, das possibilidades vivenciadas na interação com o texto (AMARILHA, 1997, p. 88).

Cabe ressaltar ainda que, na interação da criança com a ficção, o lúdico é muitas vezes “[...] o acesso seguro na elaboração do significado textual. O lúdico é uma forma de como a comunicação textual se dá, estimulando a memória semântica do leitor, que é essencial à aprendizagem formal” (AMARILHA, 1997, p. 91).

Assim, além do prazer que proporciona, o texto poético também produz conhecimento e promove o desenvolvimento integral da criança, o que será enfocado na sequência.

Por que ler poesia na infância?

Ter contato com o texto poético desde cedo permite ao indivíduo perceber a língua como um código variável, flexível, passível de ser empregado de diferentes formas, de acordo com a situação e o objetivo, enfim, como sendo um código criativo. A exploração da sonoridade, das rimas, da disposição diferenciada das frases na página também permite uma visão mais significativa da criança em relação à língua, favorecendo um uso mais consciente, pautado em um maior domínio do discurso.

Como destaca Amarilha, o texto poético “[...] oportuniza ao indivíduo pensar simultaneamente com disciplina e liberdade” (AMARILHA, 1997, p. 34). Disciplina e liberdade parecem opor-se, mas na poesia convivem harmoniosamente. A poesia pode promover o desenvolvimento linguístico de forma lúdica e prazerosa, constituindo-se, portanto, em um valioso recurso a ser explorado na infância, em especial, em sala de aula, desde que o objetivo seja o encantamento pela palavra e não o ensino de

gramática ou outro tipo de conteúdo. Vale lembrar, por exemplo, que o poema *A chácara do Chico Bolacha*, de Cecília Meireles, pode ser um convite a uma professora de Anos Iniciais criar exercícios para memorizar o emprego do *x* e do *ch*. No entanto, tais aspectos devem ser deixados de lado, a fim de possibilitar a vivência do ilogismo, do *non sense*, do lúdico inerente ao texto.

Versiani, ao refletir sobre o uso da obra poética em sala de aula, destaca que ela é didática apenas no sentido de que “[...] ensina com arte e não está a serviço de alguma coisa que se encontra fora dela. O que ela ensina não se traduz, ela só se diz através de si mesma” (VERSIANI, 2003, p. 57). Nesse sentido, propicia uma forma singular de conhecimento, que favorece o desenvolvimento integral do ser. Por esse seu caráter de promotora de uma forma ampla e diferenciada de conhecimento, a poesia – assim como o texto literário em geral –, a Literatura é considerada por Barthes como de fundamental importância, sobressaindo-se a todas as demais disciplinas. O pesquisador francês argumenta que se todas as “[...] disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (BARTHES, 1979, p. 18). No entanto, para o leitor iniciante relacionar-se de forma intensa e significativa com o texto poético, é importante que lhe seja propiciado um espaço para discutir o lido.

Entre os aspectos positivos do contato da criança com o texto literário em geral, e principalmente com o texto poético, está a preparação para o papel que desenvolverá futuramente. Nesse sentido, surge novamente o lúdico, pois é através da brincadeira que a criança exercita diversos comportamentos, como o afastamento do real, a abstração, algo que é difícil de explicar teoricamente a uma criança, mas que ela assimila de forma divertida e prazerosa à medida que vai tendo contato com o texto literário.

Igualmente, o texto poético propicia à criança o contato com o simbólico, o que a introduz “[...] no conhecimento dos limites das coisas acontecidas e das inventadas. Colabora para que ela desenvolva o discernimento entre o real e o fictício” (AMARILHA, 1997, p. 54). Esse contato e desenvolvimento do simbólico são fundamentais em uma sociedade como a nossa, pautada em códigos, símbolos. É ainda Amarilha quem destaca que a leitura literária proporciona à criança “[...] auto-estima e identidade psicológica e social. Psicológica porque lida com seu mundo interior, social porque exercita suas habilidades de leitura” (AMARILHA, 1997, p. 55). Outro aspecto desenvolvido pela leitura do texto

poético/literário é a concentração ou a atenção, algo que não é alcançado de uma vez, mas que vai sendo desenvolvido progressivamente e se constitui em aspecto fundamental para momentos posteriores da vida do indivíduo.

Para finalizar, cabe ressaltar que a literatura, dentro da qual se inscreve a poesia, “[...] desenvolve na criança uma atitude positiva para com a aprendizagem, com a sala de aula, com a escola, pois o lúdico é estimulante, apaixonante, envolvente, mobilizador” (AMARILHA, 1997, p. 56).

Ao interagir com o texto poético, a criança tem a chance de conservar, ao menos em parte, a visão poética da perspectiva de mundo com que nasce e predispor-se, de modo mais espontâneo, à aprendizagem, aos novos conhecimentos.

A experiência de ler *Quando as montanhas conversam*

Em *Quando as montanhas conversam*, Gloria Kirinus foca um tema com que se identifica, devido à convivência intensa durante a infância. Morando nas proximidades das montanhas andinas, a autora criou um vínculo com as mesmas. Assim, em sua obra, as montanhas ganham vida e atributos humanos, revelando o imaginário influenciado pela proximidade e o encantamento com a imensidão. Dessa forma, a poeta transpõe suas fantasias em criações poéticas carregadas de beleza e de subjetividade.

Aparece no livro uma estrutura que se repete, com o título sendo inserido também ao longo da obra, constituindo os dois versos iniciais que vão sendo retomados nos poemas, intercalados com o verso ‘Enquanto isso’, o qual sugere a simultaneidade dos acontecimentos. Essas duas estruturas iniciais dos poemas – ‘quando as montanhas conversam’ e ‘enquanto isso’, – aproximam as ações das montanhas às do ser humano: ambos têm vida e as mesmas potencialidades criativas na obra, o que por si só já se constitui em objeto lúdico para a criança, que tende a dar vida e fala aos objetos inanimados em suas brincadeiras.

Logo no primeiro poema, encontra-se ilogismo, já que é apresentada a mobilidade das montanhas:

Quando as montanhas / conversam... / sobre tudo o que acontece, não ficam / como estátuas, cada uma / em seu lugar. // Elas se movem / sem medo / e até ficam / de mãos dadas, / numa ciranda / de abraços, como crianças / na escola (KIRINUS, 2007, p. 4).

Esse primeiro poema revela uma alteração em relação à realidade conhecida pela criança, agindo sobre a imaginação, projetando-a para além de sua vivência concreta e permitindo-lhe viver uma

experiência paralela. É significativa, nesse sentido, a separação de ‘conversam’ da parte anterior - ‘Quando as montanhas’. A quebra da sequência corresponde ao rompimento com os padrões da normalidade, pois as montanhas não conversam no mundo real, o que não impede, porém, que, no universo ficcional, a criança acredite nas atitudes humanas atribuídas às mesmas.

Note-se, ainda, que as atitudes das montanhas se aproximam do universo infantil, tanto pela referência às brincadeiras de ciranda e de estátua, quanto pela menção ao ambiente escolar como um espaço lúdico, possibilitando que a criança se sinta acolhida e possa identificar-se com o que lê. A obra convida o leitor a adentrar no texto prazerosamente, apesar de algumas imagens mais complexas que encontrará.

Vale observar que as atitudes das pessoas e das montanhas nunca são correspondentes. Assim, se as últimas

[...] conversam / sobre tudo / o que admiram, / não ficam / assim plantadas, / como postes / na esquina. // Elas inclinam / seus corpos / para um / e outro lado. / Fazem gestos / e micagens / imitando / os humanos (KIRINUS, 2007, p. 8), nesse mesmo tempo, [...] um homem / caminha lento / e se despede / do mundo / com um leve / aceno de mão (KIRINUS, 2007, p. 10).

Nota-se que as pessoas não reparam nas ações das montanhas, justificando por que o movimento e a conversa destas passam despercebidos.

Já as montanhas não só observam as ações humanas, mas são até mesmo capazes de imitá-las, estabelecendo-se aí uma diferença básica entre quem se julga observador (o humano) e quem é julgado como objeto observado (a montanha), mas que se mostra muito atento. Ao referir as brincadeiras das montanhas, a obra permite novamente que a criança se identifique com elas e reconheça nelas o seu próprio comportamento. Assim, é notório, na obra, o uso de imagens conhecidas, tornando a leitura e a compreensão acessíveis ao leitor infantil, ao mesmo tempo em que a beleza e a riqueza dos versos também possibilitam uma leitura significativa por parte do leitor adulto.

A alternância dos versos iniciais ‘Quando as montanhas / conversam [...]’ e ‘Enquanto isso,’ repetida ao longo de toda a obra, é um elemento que garante comodidade ao leitor iniciante, que, se por um lado sofre com o choque das quebras entre as ações de montanhas e de humanos, tem a estabilidade de saber que há um padrão de mudanças, e pode usar isso como pista no processo de significação.

No poema supracitado, é mencionada a morte, possibilitando ao leitor infantil o contato com essa condição da existência, tão difícil de abordar por vias diretas. O eu-poético enfoca o tema com naturalidade, revelando que nada para devido à morte de um humano, as montanhas continuam conversando, pois a morte é uma simples despedida da vida física. Ao explorar o tema, a obra também exerce papel catártico para a criança, que aprende a lidar melhor com esse fenômeno complexo.

O nascimento também se torna tema na obra e é apresentado como um acontecimento mais marcante e significativo do que a morte, pois “[...] uma criança nasce / apressada / trazendo / para este mundo / uma chave de sol / encantada” (KIRINUS, 2007, p. 14). Em oposição ao leve aceno de mão de quem se despede deste mundo, quem chega a ele traz uma luz, um brilho novo, capaz de abrir portas de esperança e felicidade.

Cabe destacar também como o sujeito lírico alia o conhecido a formas inusitadas, gerando imagens ricas e multissignificativas, que convidam à leitura sujeitos de diversas idades. São exemplos de imagens que aliam o cotidiano com o inesperado: “[...] alguém afunda / na terra / sementes / de fantasia / e colhe / de madrugada / o pão de cada dia” (KIRINUS, 2007, p. 18). O plantio e a colheita podem ser conhecidos pelo leitor infantil, mas a semente, nesse caso, é a da fantasia, gerando uma reação de surpresa e exigindo uma compreensão que foge ao conhecimento objetivo.

A cada referência às montanhas, há um reforço quanto à questão da mobilidade, contraposta à imobilidade que delas se espera. Assim, o eu-poético inclusive alerta os leitores quanto a essa quebra de expectativa em dois momentos, utilizando a expressão ‘não pensem que’, apontando, em seguida, os gestos e movimentos das montanhas. Note-se isso, por exemplo, em:

Quando as montanhas / conversam [...] / sobre tudo / e sobre nada, / não pensem / que se comportam / como bonecas / de palha. // Elas trocam / de vestidos / cada vez que / vira o vento, / e brincam de / esconde-esconde / com bonecos / de algodão (KIRINUS, 2007, p. 12).

Mais uma vez, reforça-se, pelos versos, a relação com o universo infantil, neste caso mais feminino, pela referência às bonecas e aos vestidos, englobando ainda a brincadeira de esconde-esconde. Assim, vale destacar que, ao invés de objeto ou cenário, o poema revela que as montanhas são sujeitos de ações, pois, como o eu-poético adverte, não “[...] se comportam / como bonecas / de palha, mas brincam ‘com bonecos / de algodão’” (KIRINUS, 2007, p. 12, grifo nosso).

O movimento das montanhas é insinuado de tal modo livre que “Elas andam soltas / e até ensaiam / alguns vôos / como os pássaros” (KIRINUS, 2007, p. 20), ou seja, a liberdade delas, nesse mundo à parte instaurado pela obra, é até mesmo maior que a do leitor que, no caso da criança, tende a identificar-se com o desejo de voo, muitas vezes transformado em quedas e ferimentos na vida real, mas passível de se realizar através do texto poético.

O poema seguinte revela que a imobilidade é própria da visão do humano em relação às coisas que o cercam; assim, é ele quem imobiliza o que na verdade tem vida e movimento, como ocorre em: “[...] sete quedas / desaparecem / na câmara / escura / de um fotógrafo / amador” (KIRINUS, 2007, p. 22). O movimento de queda das águas é transformado em algo estático pelo humano que, ao tentar registrar um momento, esquece que, dessa forma, tira a mobilidade do que está sendo registrado.

Esse poema traz a possibilidade de uma reflexão ampla, que ultrapassa a capacidade de interpretação de uma criança dos Anos Iniciais, mas nem por isso deixa de seduzi-la, devido à presença de elementos que lhe são conhecidos. Em poemas como esse, ressalta-se a importância de um mediador adulto, que ajude o leitor infantil a construir uma possibilidade mais complexa de compreensão, o que contribuirá para que ele tenha um maior domínio linguístico e desenvolva sua capacidade reflexiva e interpretativa.

Nessa obra, é explorada também a reflexão sobre a criação poética, convidando-se o leitor infantil a pensar sobre a escrita criativa. É o que ocorre em: “[...] um poeta / recupera / na folha de papel / o verso rebelde / que sem licença / fugiu” (KIRINUS, 2007, p. 26). Para proporcionar essa reflexão, o sujeito lírico apresenta novamente dados do cotidiano, formando uma estrutura conhecida, sobre a qual se constroem imagens criativas, inusitadas. Em outras palavras, a linguagem reveste-se de uma significação nova, distinta da cotidiana, o que permite à criança lidar também com essa flexibilidade própria da língua. O uso dessa estrutura proporciona o acolhimento da leitura, especialmente quando a criança é mediada por um adulto que a auxilia a ver a riqueza dos versos, ou seja, quando há um leitor maduro que ajude o infante a iluminar o poema, como já foi referido em relação à poesia analisada anteriormente.

Também a ação do leitor é apresentada no texto em relação às montanhas:

Quando as montanhas / conversam [...] / sobre artes / e alpinistas, / não ficam de olhos / fechados / como as belas / que adormecem. // Elas brincam / de sobe-e-desce / com a proteção / dos astros / e fazem sinais / com os dedos / assinalando / caminhos (KIRINUS, 2007, p. 28).

Nessa referência às ações das montanhas, há uma relação de intertextualidade com *A bela adormecida* através da expressão ‘belas que adormecem’. Passando o foco das montanhas ao leitor, o eu-poético declara: “Enquanto isso, / um leitor / conspira / encantamentos / na última / estrofe / desta história.” (KIRINUS, 2007, p. 30). Com esses versos, o interlocutor percebe que a presença dele está prevista na obra, que ele faz parte daquilo que lê. E o sujeito lírico afirma que o leitor também está alheio à conversa das montanhas, pois sua atenção está integralmente voltada ao texto, aos poemas.

A obra apresenta criativamente um mundo à parte, distinto da realidade da criança, mas no qual ela se sente motivada a mergulhar, para brincar com as palavras e viver experiências impossíveis na vida real, mas que lhe garantem o desenvolvimento criativo e imaginativo e lhe permitem distinguir realidade e ficção. Ao mostrar alternadamente o espaço do humano e o das montanhas, o eu-poético convida o leitor a também entrar nesse jogo, podendo identificar-se tanto com um quanto com outro, já que está vivenciando um momento de suspensão do cotidiano e não tem compromisso com a realidade.

Considerações finais

O estudo permite identificar o potencial da obra para conquistar o leitor infantil, através da exploração de imagens poéticas, da criação de situações que instauram um universo que ultrapassa a realidade e proporciona a vivência do lúdico para o jovem leitor. A presença do aspecto lúdico, veiculado na poesia do livro, é fundamental quando se fala em poesia para crianças, pois permite a elas brincar com as palavras, sentirem-se mais atraídas e envolvidas. Na obra objeto de estudo, o ludismo inerente ao texto, convive com profundas reflexões sobre a existência humana.

Desse modo, a poesia originada dessa combinação se constitui em uma forma singular de expressão artística verbal que propõe ao leitor um modo novo de ver e de se relacionar com seu entorno e consigo mesmo, ampliando sua visão de mundo. Partindo daquilo que já conhece, o sujeito é desafiado a mergulhar no novo, a buscar interação com o desconhecido, de modo que o aprendizado lhe seja agradável.

Por essas características, o texto se constitui em uma das opções de alta qualidade, em nível nacional,

para se buscar o encantamento dos novos leitores pelo texto poético desde cedo, o que se mostra fundamental para que a leitura de poesia vire um hábito, um prazer para um público cada vez maior. Se na atualidade há carência de leitores de poesia no Brasil, o progressivo crescimento da oferta de livros de qualidade, como *Quando as montanhas conversam*, é um convite para que mais e mais leitores descubram o universo encantado do texto poético. Cabe aos educadores, pais e demais mediadores de leitura também buscarem descobrir o encantamento da palavra poética para, então, fazerem florescer esse gosto nos pequenos leitores.

Assim, levando-se em conta o que foi apontado ao longo deste artigo, pode-se afirmar que quanto mais as crianças descobrirem a poesia e desenvolverem o prazer na leitura da mesma, mais plena será a vivência de sua infância e maior será a satisfação de interagir com a palavra, através da qual chega ao ser humano a maior parte dos conhecimentos construídos durante a vida. Portanto, apreciar a boa poesia não é (apenas) passatempo, é prazer e enriquecimento do indivíduo em seu sentido integral. Se é isso que se deseja para os leitores mirins, então *Quando as montanhas conversam* e outras obras do mesmo padrão de qualidade aguardam por esses sujeitos, para lhes oportunizar encantamento, diversão e conhecimento.

Agradecimentos

O artigo é resultado de pesquisa desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul (UCS) com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

Referências

- AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas**: literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Tradução e prefácio Leyla Perrone-Moisés. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.
- CAMARGO, L. **A poesia infantil no Brasil**. [S.l.: s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2009.
- DUTRA, J. F. **Flores do campo**. Porto Alegre: Edpucrs, 1982.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- KIRINUS, G. **Quando as montanhas conversam / Cuando los cerros conversan**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- LISBOA, H. **O menino poeta**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- MEIRELES, C. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- VERSIANI, Z. A diversidade da produção poética para crianças e jovens. In: PAIVA, A. (Ed.). **No fim do século a diversidade**: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Received on June 29, 2009.

Accepted on March 23, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.